

AS REMINISCÊNCIAS DE UM MESTRE E DE SUAS “AULANÇAS” PELO ENSINO SECUNDÁRIO PIAUIENSE¹

THE REMINISCENCES OF A MASTER AND HIS “AULANÇAS” THROUGH PIAUÍ’S SECONDARY EDUCATION

Romildo de Castro Araújo
orcid.org/0000-0002-4759-7022
romildoaraujo@ufpi.edu.br

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEd-UFU). Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí (PPGEd-UFPI). Especialista em Supervisão e Gestão Escolar (FAP). Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e graduado em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Professor Adjunto II da Universidade Federal do Piauí (UFPI-CSHNB), efetivo desde 2014.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a memória de Moaci Madeira Campos, um lendário professor catedrático dos anos 1940 e 1950 no ensino secundário na rede oficial de educação do Piauí. Pergunta-se: Qual a percepção de docência do ensino secundário do professor Moaci Madeira Campos? A metodologia foi composta uma pesquisa bibliográfica e documental. Os dados foram coletados de um livro de memória do sujeito estudado somados aos dados encontrados nos jornais de circulação local e no Diário Oficial do Estado (DOE). Utilizou-se como referências Sousa (2008), Vicentini (2006), Brito (1996), Lopes (2005), embasando o método no conhecimento da memória com Halbwachs (1990), Le Golf (2003) e Julia (2001). Os resultados apontam para um ensino secundário elitista, com formas de seleção e ingresso rígidos, uma profissão valorizada culturalmente, mas desvalorizada socialmente. A percepção do personagem a respeito de sua profissão é saudosista e possui uma visão idílica da escola.

Palavras-chave: ensino secundário; professores; História; memória.

ABSTRACT

This article aims to discuss the memory of Moaci Madeira Campos, a legendary full professor of the 1940s and 1950s in secondary education in the official education network of Piauí. Through his memory, it is possible to learn about many aspects of the teaching profession at the time, such as the forms of exercise, admission and appreciation. We start from the following question: What is Professor Moaci Madeira Campos’s perception of teaching in secondary education? The methodology used was a bibliographical research of historical memory. Data were collected from a memory book of the subject studied, added to data found in local newspapers and in the Official State Gazette (OSG). Sousa (2008), Vicentini (2006), Brito (1996), Lopes (2005) were used as the main theoretical references on the history of education, basing the method on the knowledge of memory with Halbwachs (1990), Le Golf (2003) and Julia (2001). The results point to an elitist secondary education,

1 - Versão modificada do TCC “As reminiscências de um aborrecido e rancoroso mestre e suas ‘aulanças’ pelo ensino secundário piauiense”, apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de História.

with rigid forms of selection and entry, a profession that is culturally valued, but socially devalued. The character's perception of his profession is nostalgic and he has an idyllic view of the school.

Keywords: secondary education; teachers; History; memory.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, retratamos aspectos da memória relativamente à vida profissional de um professor do ensino secundário na rede pública de educação do Piauí. O mesmo, depois de falecido, foi homenageado, ganhando uma escola com seu nome na cidade de Teresina, capital do Piauí. Também foi proprietário da primeira escola profissional na cidade, a Escola de Comércio, e também o conhecido Ateneu Piauiense, com sede na capital.

Ao utilizar como fonte de informação a obra memorialística do professor Moaci Madeira Campos, “Reminiscências de um mestre-escola”, percebeu-se a importância desta obra para a história e memória da escola secundária, especialmente para o período de sua atuação como professor nesse nível de ensino na rede oficial de educação do Piauí entre as décadas de 1940 e 1950 do século XX. Foram utilizadas várias fontes documentais, para o cruzamento das informações, na elaboração do presente artigo.

A obra traz consigo a história das vivências no exercício do magistério e as percepções do autor sobre a escola secundária. A trajetória profissional do autor une-se à história da educação piauiense naquelas décadas, possibilitando compreender a organização escolar nesse nível de ensino e o exercício docente. O problema que norteia este artigo é: Qual percepção de docência no ensino secundário tinha o professor Moaci Madeira?

Como afirmam Lopes e Galvão (2005), o passado, em sua inteireza e completude, nem sempre será plenamente conhecido e compreendido. O que podemos entender são seus fragmentos. Mesmo para o pesquisador, pretendendo este aproximar-se de uma verdade sobre o passado, empreendendo rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços da história que ele quer reconstruir.

As “Reminiscências de um mestre-escola” nos possibilitam entender a importância dos textos memoriais como fonte de informações para a pesquisa em história. Suas lembranças estão relacionadas a vários aspectos das escolas secundárias públicas e privadas, como as relações pedagógicas, a organização curricular, as formas de ingresso de alunos e professores na rede escolar, o exercício profissional do magistério e o funcionamento das instituições de ensino.

Nosso contato com a obra se deu por meio das leituras realizadas de obras memorialísticas. Pela importância das informações contidas na obra acerca do exercício profissional do autor no ensino secundário no Piauí, elegeu-se a obra como parte principal das fontes que utilizamos no presente trabalho.

Campos foi chamado pelos amigos de “missionário do ensino na terra de Mafrense”, devido à longa duração de suas atividades profissionais. As memórias do autor nos possibilitaram compreender as singularidades de uma trajetória que envolve quase meio século de exercício profissional, percurso que ele teve nas escolas do ensino secundário enquanto espaço de vivência e atuação. As lembranças contidas no livro, em parte, foram lançadas pela primeira vez nas rodas de amigos. Das leituras realizadas, seguem as questões colocadas, tendo em vista o interesse historiográfico com que realizamos a análise da obra.

A historiografia da educação deu grande contribuição ao trabalho, nas obras de Romanelli (2006), Sousa (2008), Vicentini (2006), Brito (1996), Lopes (2010, 2011), além de embasar nosso método no conhecimento da memória com Halbwachs (1990), Le Golf (2003) e Julia (2001). Ao longo do trabalho, vamos tecendo uma relação entre história e memória.

Em algumas obras, a exemplo de “Reminiscência de um mestre-escola”, as memórias foram escritas espontaneamente a partir das lembranças de seus autores, como aluno e/ou professores. Quando escritas por professores, levantam questões relacionadas à organização da escola, da sala de aula, da tecnologia educacional, do currículo, dos livros didáticos, das práticas, dos conteúdos, da organização do magistério, elementos importantes para o conhecimento da educação em determinada época.

O artigo trata, em primeiro lugar, da metodologia por meio da qual a pesquisa foi realizada. Em seguida, aborda o ensino secundário no Piauí dos anos de 1940 a 1950, quando o mestre escola atuou de forma intensiva como profissional docente. Depois, trata das percepções do professor sobre o seu exercício no magistério secundário na rede oficial de educação. Concluímos que o mesmo expressava, culturalmente, a importância dos professores catedráticos para a cidade, mas uma profissão em franca desvalorização social. Por outro lado, percebe-se o saudosismo com que tratada sua profissão, de forma “missionária”, uma visão de um passado quase idílico da escola oficial, em que ela cumpria papel de destaque na formação cultural da sociedade piauiense.

A MEMÓRIA DE PROFESSORES COMO FONTE DE PESQUISA

A pesquisa teve como objetivo o registro da memória do professor Moaci Madeira Campus, a fim de compreendermos o exercício da profissão docente nos anos de 1940 e 1950 no ensino secundário no Piauí. O trabalho teve duas etapas. A primeira foi um estudo do tema memória e histórica, para compreender a importância dessa metodologia de pesquisa. Num segundo momento, selecionamos e analisamos as fontes de informações: o memorial e os documentos disponíveis.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, pois trabalhamos com as percepções do sujeito. A única forma de ter acesso ao passado é através dos traços que foram deixados, dos vestígios que foram deixados por homens e mulheres das sociedades passadas. Sobre as fontes, as autoras sugerem:

Trata-se, pois, de identificar no conjunto dos materiais produzidos por uma determinada época, por determinado grupo social, por determinada pessoa – homem ou mulher e segundo a etnia – aqueles que poderão dar sentido à pergunta que inicialmente se propôs; aqueles que, trabalhados, isto é, recortados e reagrupados, poderão servir de base à operação propriamente historiográfica, ou seja, à interpretação e à escrita (Lopes, 2005, p.79).

A matéria-prima básica do historiador, para fazer a história, são as fontes. Pesquisadores da história da educação têm recorrido frequentemente aos memoriais como fonte para a reconstrução da história da educação. Também recorreremos a informações contidas em alguns jornais de circulação local para cruzamento com as informações contidas no memorial.

Aspectos que representam o que Julia (2001) denomina de *cultura escolar* é vista como “[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar [...]” (Ibid., p.10). Sendo, portanto, conforme o autor, um conjunto de práticas que possibilitam a transmissão dos conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. E tanto as normas como as práticas têm finalidades que podem variar conforme as épocas. Essas normas e práticas não podem ser analisadas sem considerar o corpo profissional que obedece a essas ordens e utilizam os dispositivos pedagógicos confiados a facilitar sua aplicação.

O livro as “As reminiscências de um mestre-escola” ganha importância à medida que traz as vivências e percepções de um personagem com parte significativa de sua vida dedicada ao exercício

do magistério nas escolas de ensino secundário² de Teresina. Isso nos remete a Halbwachs¹, quando destaca a importância da história vivida, deixando entender que, para os sujeitos, o mais importante são suas experiências, fato que confere relevo às suas lembranças individuais, que são parte da construção da memória coletiva.

O livro analisado estrutura-se em vários tópicos, que podem ser sistematizados na seguinte ordem: 1) Justificativa (Os porquês deste livro), escrita em rápidas palavras e com uma síntese de sua trajetória no ensino primário; 2) O curso secundário, dividindo-se em: a) digressões sobre disciplina como Latim, Francês, Português e elogios aos seus respectivos professores; b) Colégio Diocesano (então Colégio Municipal São Francisco de Sales), onde estudou as séries finais do secundário concluído em 1933; 3) O Curso superior na Faculdade de Direito do Piauí e do Ceará; 4) O magistério; 5) Uma crônica, que trata de uma das mais sérias polêmicas que realizou nos meios de comunicação com relação ao magistério; 6) O Ateneu e a Academia de Comércio, escolas de sua propriedade; 7) Os discursos, tratando das palestras proferidas em várias solenidades e ocasiões para as quais foi convidado; 8) Páginas de saudade, na qual fala de alguns destacados amigos; 9) Carta a um homem de bem, e por último, 10) Recortes de jornal e algumas cartas. A forma de organização do livro é, “em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (Benjamim, 1994, p.205). Tem ausência de introdução, de índice, conclusão, mas estruturada em ordem cronológica uniforme dos momentos e dos acontecimentos que compõem sua narrativa. Isso demonstra a espontaneidade de sua elaboração e, como diria Benjamim (Ibid., p.200), revela um senso prático como uma das características de muitos narradores natos.

Os memoriais tornaram-se importantes fontes para a pesquisa em história da educação. Por serem memórias, trazem consigo lembranças de uma época, lembranças individuais e histórias sociais. A “[...] memória é um *elemento constituinte do sentimento* de identidade (*grifo do autor*), tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. (Ibid., p.05). Existe uma relação entre a memória coletiva e a individual. Como assinala Pollak (1992), a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente pessoal, próprio do indivíduo. Mas entende que Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou principalmente, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

As obras historiográficas da educação mais importantes para a história da educação brasileira caracterizam a mesma sob diferentes prismas, como Romanelli (2006), Sousa (2008), Vicentini (2006), Brito (1996), Lopes (2010, 2011). Por outro lado, o conhecimento da memória na história ganha destaque com Halbwachs (1990), Le Golf (2003) e Julia (2001). Interessa-nos, aqui, compreender as formas do ensino do período, assim como do trabalho de professor e de suas práticas escolares. Trata-se, pois, das vivências do professor Madeira e de suas percepções sobre a profissão, a escola e a sociedade.

O ENSINO SECUNDÁRIO PROPEDEÚTICO NOS ANOS 1940 E 1950 NO PIAUÍ

A primeira iniciativa oficial com vista à instalação do ensino secundário no Piauí vem de 1827, ocasião em que foram criadas, ainda em Oeiras e Parnaíba, cadeiras de Latim. Também foram criadas cadeiras de Filosofia Racional e Moral, Retórica, Geografia e Francês ainda na antiga capital. Havia grandes dificuldades de colocar em prática essas medidas legislativas, pois não se

2 - O termo ensino secundário, escola secundária e educação secundária serão utilizados neste artigo indistintamente para se relacionar ao nível do ensino do pós-primário voltado para a formação da cultura geral. Atualmente seria a junção do segundo ciclo do ensino fundamental mais o ensino médio.

apresentavam pretendentes nos concursos públicos para lecionarem essas cadeiras (QUEIROZ, 2008), demonstrando que uma das grandes dificuldades nessa época estava relacionada à oferta de professores.

No Piauí, o Ensino Secundário começa a funcionar oficialmente em outubro de 1845, através da Lei 198, do governo Zacarias de Góis e Vasconcelos, fato que provoca a fundação do Liceu Provincial em Oeiras.³ Depois de sancionada a lei, o curso começa, efetivamente, suas aulas três anos mais tarde (FERRO, 1996). Em 1852, o Liceu veio transferido para Teresina junto com a capital da província. A autora ainda destaca sua paralisação durante algum tempo, causada pelas dificuldades próprias da mudança da capital. Isso, somado às crises de frequência irregular dos alunos, leva à sua extinção por meio da Resolução nº 511/1861. Alguns anos depois, foi possível seu retorno em substituição à Escola Normal, que foi desativada, ficando os professores realocados no Liceu. Esses fatos já demonstram problemas frequentes de descontinuidade de funcionamento no ensino secundário, assim como a instabilidade do primeiro quadro de professores existente.

Durante as décadas seguintes, o Liceu viveu uma situação instável em sua existência, quando, ora era aberto, com definição das disciplinas que compunham sua matriz curricular, ora era fechado. Contudo, no final do século XIX, essa situação começa a mudar, haja vista o surgimento dos exames preparatórios para ingresso nos cursos superiores em todas as capitais:

A partir de 1873, a legislação que regulamentava a entrada nos cursos superiores do Império passou a permitir a realização de exames preparatórios em todas as capitais de província, perante delegados do Inspetor de Instrução e bancas examinadoras indicadas pelos respectivos presidentes de províncias (Queiroz, 2008, p.16).

Mesmo cumprindo essa função, o Liceu tinha dificuldades de estruturação, como a ausência de prédio próprio, por exemplo. Percebe-se que algumas mudanças eram necessárias para que ele ofertasse melhores cursos preparatórios. De 1890 até 1925, a referida instituição sofre todos os dilemas por que passara o ensino secundário brasileiro. Com a Lei Francisco Campos (1931), o educandário seria equiparado ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, que funcionava como colégio de ensino secundário, modelo ao qual as outras instituições deveriam ser equiparadas (Vasconcelos, 2007). A partir de então começa a tentativa de modernização e democratização do ensino brasileiro.

O CEP esteve entre as primeiras escolas a oferecer o ensino secundário, estabelecendo sua importância no cenário educacional do Piauí nos anos 1940. Em outras palavras, “Essa escola, por sua posição no conjunto dos estabelecimentos de ensino, era alvo de atenções e disputas. Situada em Teresina, destacava-se em todo o Piauí” (Lopes, 2010). Dessa maneira, na capital piauiense, embora existissem outros estabelecimentos de ensino secundário, o CEP se constituiria como uma referência importante para esse nível de escolaridade, pois era equiparado ao Colégio Pedro II. Sua administração era subordinada à Diretoria Geral de Ensino, e seu diretor era nomeado pelo chefe do poder executivo estadual junto aos professores catedráticos da casa (Piauí, 1933).

Teresina passava por importantes transformações nas suas relações econômicas, sociais e culturais a partir dos anos 1940 do século XX, quando se intensifica o processo de urbanização, tornando-se o principal centro urbano do estado do Piauí. A imigração aumentava e muitas pessoas vinham em direção à Capital, espaço que se traduzia para muitos em sonhos de viver melhor, embora nem sempre isso fosse possível. No cenário da cidade, a procura por educação passava a ser frequente naquelas décadas, precisando esta se moldar às novas demandas de uma

3 - Esta foi a primeira capital do Piauí até 1851, quando foi transferida para Teresina, cidade localizada na Chapada do Corisco, entre os Rios Poti e Parnaíba.

sociedade capitalista. Entre os transeuntes da cidade passavam a figurar muitos estudantes e professores catedráticos. À paisagem urbana, somava-se a arquitetura das escolas, num contexto em que a escrita se torna importante como parte das novas relações sociais que vão sendo construídas na sociedade piauiense no século XX, em processo de urbanização.

Campos rememora uma época na qual as escolas secundárias também contribuíam para a movimentação cultural de Teresina. Em uma de suas crônicas, lida ao microfone da Rádio Difusora, dia 10 de março de 1955, sob o título de “O Professor e o Educador”, publicada no livro, exprime como se agitava a Capital em meados dos anos de 1950, quando as escolas começavam a funcionar no início de cada ano letivo.

As ruas tornam-se mais movimentadas. Por toda parte a gente sente uma transformação melhor. É que a cidade foi invadida pelo buliçoso exército das escolas. Vai ter início mais uma grande batalha. É a batalha da instrução e da educação do Brasil de amanhã. É a luta gloriosa e eterna da luz contra as trevas, do bem contra o mal, da sabedoria contra ignorância (Campos, 1996, p. 29).

Assim, as escolas secundárias passariam a compor, como diria Bosi (Bosi, 2003), a trilha sonora da cidade. O buliçoso exército do saber, nas lembranças de Campos, levava Teresina a assumir um aspecto inquieto, tornando-se mais cheia de vida. A importância da escola para a sociedade teresinense era destacada de forma metafórica na ação da luz contra as trevas e da sabedoria contra a ignorância. A sociedade da “luz” e da “sabedoria” se imporia na chegada de cada manhã.

Como demonstra Lopes e Galvão (2005), no século XX ocorrerá a publicização da educação, precisamente a partir de 1930, no contexto da industrialização e urbanização, momento em que a legislação buscava dar organicidade aos vários níveis de ensino. Aos poucos, as camadas populares foram ingressando, embora nem sempre conseguissem permanecer nos processos formais de ensino. A educação era vista como elemento importante para a formação das gerações e na sua inserção em uma ordem política e econômica da sociedade.

O curso secundário ou de humanidades, realizado de forma seriada, deveria ser efetivado em cinco anos. De posse do certificado ou certidão de conclusão, o aluno poderia submeter-se ao vestibular para ter acesso a qualquer curso superior, civil ou militar. Havia a sexta série, que era facultativa e que conferia ao concludente o diploma de bacharel em ciências e letras, embora fosse pouco utilizado. A 6ª série, que ofertava um título, foi suprimida com a Reforma Francisco Campos (Campos, 1996). O autor lembra-se da organização curricular das disciplinas durante o curso:

Em cada série ou ano se estudava sete ou nove matérias. No primeiro fazia-se um PREPARATÓRIO: instrução moral e cívica; no segundo, dois preparatórios: Aritmética e Geografia geral – Corografia do Brasil; no terceiro, dois preparatórios: Álgebra e Francês; no quarto, cinco preparatórios: Português (última etapa, Gramática Histórica), Geometria, Inglês, Desenho Geométrico, História Universal; no quinto ano: Latim, Filosofia, Trigonometria, História do Brasil, Cosmografia, Física, Química e História Natural (Campos, 1996, p.29).

Para o autor, ser um bom aluno na época, segundo Campos, dependia, sobretudo, da dedicação aos livros, da assiduidade às aulas e da gulosa atenção às lições dos mestres que, ao contrário do ensino primário, era a maioria do sexo masculino, integrantes da elite intelectual do Piauí, admirados, respeitados e temidos pela juventude estudantil. Ainda sobre o currículo, o Professor Campos lembrou:

Currículo pesado, constante de Latim, Cosmologia, Filosofia. Matemática, Física, Química, História Natural do Brasil e Religião, não só pelo interesse e desejo de aprender bem e cada vez mais, como para reafirmar no novo colégio o conceito conquistado no passado, dediquei-me, a fundo, aos livros, naquela convicção de que todo tempo é pouco para o estudante responsável (Campos, 1996, p.29).

Eram essas disciplinas que conferiam ao ensino secundário um caráter humanista, pois dava ênfase às disciplinas que preparavam os alunos para o ingresso no curso superior. Percebe-se um extenso programa de provas orais e escritas.

A reforma Capanema inaugurou uma fase de mudanças neste nível de ensino. Conforme o Decreto nº 4.244/42, passavam a ser finalidades do ensino secundário: a) formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes; b) acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística e c) dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial, dentre outras finalidades que bem correspondiam aos interesses da sociedade que emergia desde o início do século. A Lei estabelecia, ainda, uma nova estrutura ao ensino, estruturado em dois ciclos. O ensino secundário seria ministrado em dois ciclos. O primeiro compreendia um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderia dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico (BRASIL, 1942). Era uma educação voltada para a formação desinteressada, preferencialmente da cultura erudita.

No ordenamento do currículo que foi implantado com a Reforma Capanema, percebe-se a predominância das disciplinas voltadas para a formação propedêutica no ensino secundário, concentrado no que hoje se conhece como ensino de línguas estrangeiras, ciências naturais e ciências humanas.

Esse currículo atendia à finalidade do ensino secundário voltado para a formação de uma sólida cultura geral, representada pelo ensino das humanidades antigas e das humanidades modernas, assim como acentuar e promover a consciência patriótica e a consciência humanística. Por que tanto anos de estudos do grego e do latim? Tudo indica que essas disciplinas tinham um efeito seletivo. O seu uso subsistia nos círculos mais letrados, sobretudo nas universidades.

Tratava-se da educação de um grupo social muito restrito, jovens herdeiros da oligarquia agrária, filhos de industriais, grandes comerciantes, profissionais liberais ou da incipiente classe média urbana, cuja formação fundamentada nos estudos desinteressados expressava a distinção cultural de uma elite, destinando-se a uma finalidade muito específica, isto é, a preparação para os cursos superiores (Sousa, 2008, p.89).

Era comum, durante as décadas de 40 e 50, os textos jornalísticos e livros que circulavam pela cidade trazerem expressões em grego e latim, segundo constatamos nos textos utilizados durante a pesquisa de mestrado, como livros, jornais e documentos públicos. O próprio texto do livro, que agora analisamos, vem com muitas ocorrências dessas línguas. Diferentemente do ensino primário no início do século XX.

Além de voltado para a “gente graúda”, buscava-se também formar uma juventude comprometida com a construção da nação, afirmando o papel a ser desempenhado pelas elites nos destinos do país. Como sugere Sousa, as individualidades condutoras eram os homens, que deveriam assumir as responsabilidades maiores na sociedade, portadores de concepções que precisavam difundir entre as massas. Por isso deveria ser um ensino patriótico (Ibid.). A ênfase dada ao canto orfeônico como estratégia pedagógica adotada pelo Estado Novo tinha

como finalidade, através das suas canções ditas patrióticas, inculcar sua doutrina, divulgar seus postulados e enaltecer a figura do governo (Brito, 1996).

As provas eram realizadas uma a cada hora, com a presença de dois professores, o regente da turma e outro da mesma disciplina. Os examinadores eram imposição da portaria do Ministério da Educação (MEC). As salas onde se realizavam as provas eram amplas e as cadeiras eram bastante afastadas uma das outras. Em cada carteira eram grafadas a giz, alternadamente, letras maiúsculas grandes A ou B, de forma que os alunos ficassem cada um com questões diferentes para evitar o famoso “sopro”, que valia àquele que fosse pego a retirada de dois pontos de uma vez só, anotados pelo inspetor federal presente. Cada aluno dispunha de 60 minutos para responder a sua prova, tempo que deveria ser rigorosamente respeitado, pois os inspetores federais eram inflexíveis, assim como os detentores do poder de aplicação das provas (Ibid.). Estas eram realizadas em primeira e segunda época.

Sorteados os pontos, formulado o último quesito, verificava, o inspetor Federal as posições exatas dos ponteiros do seu relógio e somente aí era dada a ordem de largada: “Podem começar”. Os alunos dispunham de sessenta minutos para elaborar suas provas, sem qualquer possibilidade de mínima prorrogação. Mesmo que os examinadores quisessem ter um pouco de tolerância em relação ao tempo, para com algum aluno mais lento, nada podiam fazer, pois o representante do Ministério da Educação era inflexível e ali quem mandava era ele. Sinal dos tempos (Brito, 1996, p. 20).

Na época de professor no ensino secundário, as provas eram acompanhadas pelos inspetores federais, retirando qualquer autonomia dos professores sobre sua realização. Nos momentos de realização das provas da sua disciplina, o professor regente não podia interferir junto aos alunos. A elaboração das questões das provas era realizadas com base em dois pontos, que eram retirados pelos alunos de uma urna apresentada pelo inspetor federal.

Sobre as notas para a aprovação no período letivo da 6ª série, o autor destaca: “Minhas maiores notas de aprovação no Colégio Diocesano foram: matemática, 97 (noventa e sete), História do Brasil, 91 (noventa e um). A menor foi em Filosofia, 63 (sessenta e três). Sob esses aspectos dois zeros pesaram muito” (Ibid., p.30). A respeito da aprendizagem e das notas de aprovação no curso secundário, comenta que raramente os alunos atingiam a nota máxima (10 ou 100) em todas as matérias. A única nota 100 que adquiriu foi em História Universal, as restantes ficaram entre sete, oito e nove.

Campos foi um dos proprietários do segundo Ateneu Piauiense⁴. Esse educandário esteve entre as escolas privadas influentes na cidade de Teresina nos anos 1940 do século XX. O estabelecimento foi fundado em 15 de julho de 1939. Suas atividades tiveram início com o funcionamento do curso de admissão ao secundário. Assim, Campos descreve suas instalações:

Casa grande, com muitas dependências, de excelente construção, duas belas fachadas para as ruas Teodoro Pacheco e Simplício Mendes, situada no que se pode denominar o coração de Teresina. Dispunha de grande e alto porão, que, convenientemente adaptado, seria perfeitamente utilizável até como dormitório, e o foi, a princípio. Posteriormente nele foram confortavelmente instalados a secretaria, a tesouraria, a Inspetoria Federal, arquivo, depósito de material, etc. (Campos, 1996, p.56).

A aquisição de móveis e materiais escolares necessários, parte foi doado pelo Governo do Estado, cujo chefe era o Sr. Leônidas de Castro Melo. O estabelecimento de ensino existiu durante

4 - Conforme o próprio autor, outrora existiu um Ateneu Piauiense fundado e dirigido por Abdias Neves.

38 anos. Esteve localizado à Rua Senador Teodoro Pacheco, nº 1075, dirigido pelo Professor Antilhon Ribeiro Soares. O Ateneu Piauiense, posteriormente, por força da vigência da Reforma Capanema, passou a se chamar de Ginásio Leão XIII. A primeira turma terminou o curso ginasial em 1942, com apenas 28 alunos (Ibid.). As ilustrações do livro retratam a fachada da escola. Subvenções públicas eram destinadas para o funcionamento da instituição também através do pagamento de bolsas de estudos. As escolas particulares em Teresina constituíam a maior parte rede de escolas ginasiais nos anos 1940 e 1950, tendo esses estabelecimentos significativo papel no processo de escolarização, uma vez que o acesso às escolas oficiais públicas como o CEP era seletivo sobremaneira.

A Academia de Comércio do Piauí, fundada em 23 de fevereiro de 1938, na sede da Associação Comercial do Piauí, nascia da necessidade dos negócios que se instalavam na cidade de Teresina, como a indústria, o comércio e os órgãos públicos criados com o processo de urbanização e modernização da sociedade piauiense. Havia necessidade, sobretudo de guardalivros e contadores, cuja falta dificultava a vida dos comerciantes da cidade. Por isso, havia o interesse dos empresários locais pela abertura do estabelecimento para a oferta desses cursos.

O acesso ao ensino secundário era realizado através do exame de admissão. O próprio Campos afirma que passar no exame não foi fácil. Por mais que tenha se esforçado, não adquiriu o êxito desejado. “Lembro-me que, quando o funcionário encarregado de anunciar as notas daqueles que havia logrado êxito, ao anunciar o meu nome e minha nota, um grito eclodiu, malicioso, irreverente, voz propositadamente cavernosa, enchendo o ambiente repleto de candidatos como eu, ansiosos e apreensivos: ‘passou de cócoras’... seguido de estrepitosas gargalhadas” (Ibid., 56). Além desse exame, naquela época era possível concluir o ginásio através do exame madureza, que era uma espécie de exame prestado no CEP. O professor José Amável ministrava aulas particulares em Teresina para quem quisesse concorrer.

Os vários educandários privados existentes em Teresina ofereciam primário e preparavam os candidatos para ingressar no ensino secundário no CEP, até então o único autorizado a ofertar esse nível de ensino na Capital. O acesso a esse colégio se dava através do exame de admissão, que exigia dos candidatos, no ato de sua inscrição, entre outras coisas, idade mínima de 11 anos, prova de sanidade mental, atestado de vacinação anterrábica e prova de quitação com o serviço militar (PIAUI, 1949). O exame era exaustivo e funcionava como filtro, pois tratava de selecionar quem no final do curso ingressaria no curso superior.

O “MISSIONÁRIO DO ENSINO DA TERRA DE MAFRENSE”

Campos traz uma visão maniqueísta da história, ideia presente nas suas reminiscências quando afirma que “Todas as pessoas têm algo a contar. Têm suas histórias e as suas “estórias”. Histórias e estórias saborosas e insípidas; doces e amargas, bonitas e feias; alegres e tristes; ricas e pobres; agradáveis e desprezíveis” (Campos, p.13, 1996). Ainda acrescenta o autor: “O dia a dia de cada um é uma sucessão de acontecimentos, de fatos, de ocorrências, insignificantes, a maioria; de pouca valia, muitíssimos, que desmerecem destaques, sequer lembranças, dissipam-se na memória e mergulham em profundo esquecimento”. Essa visão de história certamente foi a base da construção da narrativa da obra pelo autor, destacando a importância da memória e da história dos sujeitos. Chama igualmente a atenção para as lembranças que caem em esquecimento a partir da importância, ou não, que assumem para as vivências desses sujeitos. É que a memória se torna seletiva.

“As reminiscências de um mestre-escola” teria sido o primeiro volume da única obra elaborada pelo autor. A única edição foi publicada em 1996 pela gráfica da Universidade Estadual

do Piauí (UESPI). O livro foi escrito com uma linguagem polida, adquirida da formação erudita obtida por Moaci Madeira Campos na escola de ensino secundário e superior na primeira metade do século XX. Na apresentação do livro, Raimundo Nonato de Santana lembra que esta foi fruto de recordações que se davam nas rodas de sua intimidade, compondo para este “[...] uma peça memorialística, cheia de evocações enternecedoras” (Ibid., p.3). O autor narra a história de sua vida escolar e profissional compondo uma importante fonte de memórias da educação daquele período. “Trata-se, inegavelmente, de suas reminiscências, as quais, na verdade, revelam um verdadeiro pedagogo, pois nelas vê-se o professor, o mestre e o preceptor” (Ibid., p.3). Veio seguida do segundo volume “Os Madeira Campos: lutas, êxitos e frustrações”, de cunho mais genealógico e familiar.

Ao intitular-se mestre-escola, o autor assume a docência como aspecto central de sua vida. Foi assim que educou a mocidade na ciência matemática, disciplina na qual atuou com bastante entusiasmo quando lecionou no Colégio Estadual do Piauí (CEP) por cerca de 20 anos. Natural de Regeneração, exerceu o magistério durante mais de meio século na cidade de Teresina, atuando em escolas públicas e particulares. Formado em Direito, não praticou a advocacia, senão acidentalmente. Ao magistério, dedicou-se integralmente desde a mocidade até os 60 anos.

O professor Campos era resguardado na sua vida social, cujos valores eram centrados na família, nas tradições cristãs e no patriotismo, valores assumidos também na sua vida profissional, retratando padrões predominante na época.

Trabalhadores intelectuais de todo o país, especialmente aqueles que se consagram ao grave ofício de educar, devem ter, neste momento, os olhos e o coração voltados para o Brasil, procurando compreender as exigências duras do presente e correndo a oferecer a vocação, o esforço e o sacrifício à maior das empresas, de que a salvação nacional depende, e que é a salvação completa da infância e da juventude (Capanema, 1937 *apud* Marinho; Inneco, 1938, p.3).

O patriotismo e o civismo eram comuns durante o Estado Novo, que alimentava esses sentimentos como parte de sua política ideológica, tendo no nacionalismo sua expressão mais destacada. Gustavo Capanema resume alguns desses valores cultivados num dos seus célebres discursos expressando a intenção de tratar os professores como salvaguardas da nação, da infância e da juventude.

Nos seus dias idos e vividos, Campos estudou o primário na Escola 24 de Janeiro, dirigida por Zefinha Ferraz. Nesse nível de ensino, um dos aspectos que mereceu referência para Campos seria lembrar as talentosas e abnegadas mestras que pertenciam a importantes e tradicionais famílias da época, como Olga Maria Batista, Maria Evangelina Parente Fortes Brito, na Escola 24 de Janeiro, e Maria Dina Soares do Nascimento e sua auxiliar Clarisse Burlamaqui Ferraz, suas professoras no curso complementar no Instituto Antonino Freire. Neste, foi aprovado no ano letivo, obtendo distinção, grau dez, com louvor.

Por conta das dificuldades financeiras, não pôde submeter-se imediatamente ao exame de admissão no Liceu Piauiense, momento que a família reservou ao seu irmão mais velho. Contudo, ficou estudando em casa pelo livro “Cursos de Admissão”. Esse livro era importante para todos aqueles que se preparavam para o teste e admissão, no qual constavam todas as disciplinas exigidas no aludido exame de admissão, por via do qual se poderia ter acesso ao ensino secundário. Estudou aulas particulares com o Prof. José Amável, que preparava os alunos para o Exame Madureza em Teresina. Apesar do êxito, não alcançou uma boa classificação, sendo sua aprovação anunciada seguida de um malicioso grito por parte do funcionário da escola: “Passou de cócoras”.

Em 1937, ainda cursando o ginásio, foi nomeado para preparador-conservador dos gabinetes (laboratórios) de Física, Química e História Natural do Liceu Piauiense. Nesse ano, foi cursar a quinta série do ensino secundário no Colégio Municipal São Francisco de Sales (Diocesano). A atuação no magistério começou como estudante na década de 1940, função que exerceria durante toda a sua vida, inclusive dedicando-se às escolas de sua propriedade particular, como o Ateneu Piauiense e a Escola Técnica de Comércio do Piauí.

ERUDITO MESTRE NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

A sua caminhada no magistério durou mais de 40 anos, contados aqueles em que ministrou aulas particulares, remuneradas ou gratuitas desde 1934. Exerceu o magistério público nas primeiras décadas dos anos 1900, precisamente iniciou a cátedra em abril de 1936, quando foi contratado através de ato assinado pelo governador Sr. Leônidas de Castro Melo, para reger duas turmas da cadeira de matemática do CEP, percebendo 50 mil réis por cada cadeira. Um ano depois, foi contratado para reger aulas em três turmas da mesma disciplina. Posteriormente, foi nomeado para exercer interinamente a mesma cadeira como titular no CEP. “Daí para frente, continuei como professor titular de matemática no Liceu Piauiense até 1956, quando fui levado a demitir-me [...]” (Campos, 1996, p.44).

Na época, a forma de ingresso permitia que o professor fosse contratado ou nomeado interinamente durante um período. Sua efetivação se dava com a participação em concurso público de prova e de títulos. Para participar do concurso, o candidato deveria ter a prévia inscrição, mediante prova de habilitação e registro no Ministério da Educação (Brasil, 1942, Art. 79, § 3, cap. V). De acordo com a Portaria nº 187, de 24 de junho de 1939, os editais precisariam estabelecer um prazo de 180 dias para as inscrições dos candidatos. No ato da inscrição, os candidatos deveriam apresentar um requerimento dirigido ao diretor do colégio, constando nome por extenso, data do nascimento, naturalidade e filiação, seguidos dos seguintes documentos comprobatórios, envolvendo, entre outros, atestado de sanidade, prova de bons antecedentes, prova de quitação com o serviço militar, prova de haver completado o curso secundário, ou diploma de instituto idôneo onde se ministre o ensino das disciplinas em concursos e cinquenta exemplares de uma tese sobre a disciplina do concurso.

Como condições para participação da seleção, era valorizada a experiência concretizada na produção literária, artística ou científica, cuja comprovação se dava com a apresentação de uma tese, com temas relacionados à sua área. Ainda nos termos da Portaria 187/39, o concurso constaria de quatro etapas definidas: títulos

prova escrita, defesa de tese e prova didática (Brasil, 1942).

O autor expressa sua missão de professor de forma mais clara na palestra que proferiu numa das Vigílias do Fogo Simbólico da Pátria em Teresina. Sugeriu que, como educador, deveria dar sua contribuição, exemplo de suprema glória, para ajudar os alunos a se tornarem brasileiros capazes de servirem com eficiência, com dignidade e bravura à Pátria querida. Tal ideia ficou mais bem enfatizada na sua crônica intitulada “O professor e educador”, quando disse sentir a grande responsabilidade e o compromisso que assumiu com a pátria, um encargo estupendo que tomou sobre seus frágeis ombros.

Esses valores patrióticos eram comuns na época do Estado Novo, pois este procurava sedimentar seu projeto político na afirmação da nacionalidade, priorizando sua missão educacional e promovendo a alta cultura.

Gustavo Capanema assume esses valores num célebre discurso no qual se evidencia a pretensão de tratar os professores como salvaguardas da nação.

Trabalhadores intelectuais de todo o país, especialmente aqueles que se consagram ao grave ofício de educar, devem ter, neste momento, os olhos e o coração voltados para o Brasil, procurando compreender as exigências duras do presente e correndo a oferecer a vocação, o esforço e o sacrifício à maior das empresas, de que a salvação nacional depende, e que é a salvação completa da infância e da juventude (Campos, 1996, p.153).

Campos era conhecido também pelo seu entusiasmo com que administrava os estabelecimentos de sua propriedade. Para ele, seus estabelecimentos foram as primeiras escolas em Teresina a adotar os padrões modernos de organização do espaço escolar, como salas amplas, arejadas e com luz apropriada, preocupações que existiam por conta da presença da inspetoria do MEC, que ficava instalada dentro da escola, fiscalizando seu funcionamento e a existência ou não das condições para ser reconhecida como ginásio.

Campos, como muitos outros professores da época, não teve formação universitária voltada para o magistério, mas “fez-se” professor porque assumiu em sua vida profissional a posição “de guia, de orientador, de mestre”. Explicava que não havia [...] “missão mais espinhosa, nem mais útil e, por isso mesmo, mais digna e honrosa que a do educador” (Campos, 1996, p.153). Embora bacharel em Direito, ofício ao qual renunciou, assumia o magistério como sua vocação. Fazer-se professor exigiu dele uma renúncia e a adesão voluntária e consciente à profissão docente.

Ainda longe de ver-se como profissional, acreditava que o ofício precisava de responsabilidade e compromisso com a pátria. Para ele, o “[...] indivíduo que adota a nobre profissão apenas para ganhar dinheiro não pode, jamais, ser um educador e deverá ter seguido outro rumo, adotado outra atividade, pois o magistério não serve, não deve ser escolhido para tal” (p.154). Atribuía ao magistério o papel de servir a pátria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da obra “Reminiscências de um mestre escola”, percebe-se a importância dos memoriais para a história da educação no Piauí. Nela, o autor descreve toda a sua trajetória estudantil e como profissional do magistério. Lembra-se das dificuldades de escola nas cidades do interior e da migração para a Capital que isso provocou. Nas suas lembranças, vamos compreendendo como funcionava a rede de ensino secundário em Teresina e as escolas existentes. As formas de ingresso eram bastante rigorosas, à época o exame de admissão e o exame de maturidade. O currículo atendia a uma formação clássica e humanista, dando destaque ao ensino de latim, grego e ciências naturais e sociais. Esse currículo caracteriza uma escola voltada prioritariamente para formação das elites condutoras. Seu caráter propedêutico possibilitava o preparo necessário para ingresso no curso superior.

No exercício do magistério no ensino secundário, Moaci Madeira Campos se encontrou com os tempos dos eruditos mestres que exerciam a cátedra, que proporcionava aos professores autonomia relativa para realização de suas atividades pedagógicas, com exceção das provas, que eram rigidamente controladas e pela inspetoria do MEC. Boa parte desses profissionais era autodidata e não possuía formação universitária. Seu recrutamento atendia mais a critérios de reconhecimento intelectual e passava por um rigoroso processo de seleção, com provas orais, escritas e defesas de teses. Era uma profissão valorizada culturalmente na formação da sociedade piauiense, mas desvalorizada socialmente. A visão do personagem sobre profissão docente é saudosista, e sobre a escola ele tem uma visão idílica, pois observa de forma romântica aquela escola secundária, não identificando sua verdadeira função social.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. Memórias da cidade, lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 4.244, art. 2º, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1942. Disponível em: www.histedbr.org.br. Acesso em: 20 dez. 2011.
- BRITO, Itamar Sousa. **História da Educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996.
- CAMPOS, Moaci Madeira. **Reminiscências de um mestre-escola**. Teresina: UESPI, 1996.
- FERRO, Maria do Amparo. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, [s.l.], n. 1, p.8-43, jan./jun. 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. As transformações do ensino secundário e as modificações do trabalho docente no Piauí: 1950 – 1980. *In*: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luiz. **Anais [...]**. São Luiz: UFMA, 2010.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MARINHO, Ignésio; INNECO, Luiz. **O Colégio Pedro II cem anos depois**. Rio de Janeiro: Vilas Boas, 1938.
- PIAUI. Colégio Estadual do Piauí. Edital nº 13/49. **Diário Oficial do Estado do Piauí**: Teresina, ano XIX, n. 53, p. 3, 17 maio 1949.
- PIAUI. Decreto nº 1438, de 31 de janeiro de 1933. Revê e altera as disposições do Regulamento Geral do Ensino. **Diário Oficial do Estado do Piauí**: Teresina, 1933.
- PIAUI. Edital nº 6/51. **Diário Oficial do Estado do Piauí**: Teresina, ano I, p. 7, 25 set. 1951.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2008.
- SOUSA, Rosa de Fátima. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: (ensino secundário e primário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.
- VASCONCELOS, Maria Inêz Bandeira de. **Liceu Piauiense (1845-1970)**: desvendando aspectos de sua história e memória. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.
- VICENTINI, Paula Perin; LUGLI; Rosa Genta. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.